

O mercador de Veneza

*Ana Lila Lejarraga**

O mercador de Veneza, dirigido por Michael Radford e com impecáveis atuações de Al Pacino e Jeremy Irons, é um belíssimo filme, mistura de drama e comédia, baseado na famosa peça de Shakespeare escrita entre 1594 e 1598.

O filme começa com um breve retrato da vida em Veneza no século XVI, mostrando-nos o contexto histórico em que ocorre a história e o antissemitismo reinante. Os judeus viviam em guetos; não tinham direito a terras e deviam usar um gorro vermelho para serem identificados, sendo considerados imorais pelos cristãos por praticar a usura. Presenciamos, assim, no início do filme, uma cena de rua em que Antonio (Jeremy Irons) maltrata e humilha o judeu Shylock (Al Pacino) publicamente, sem saber que, logo mais, precisaria de seu dinheiro. Bassanio (Joseph Fiennes), que deseja cortejar Pórcia (Lynn Collins), rica e bela herdeira de Belmonte, pede a seu amigo e protetor Antonio um empréstimo de três mil ducados. Antonio é rico, mas como tem todo seu dinheiro comprometido em expedições em ultramar, vê-se obrigado, em nome da amizade, a recorrer ao agiota Shylock, que aproveita a oportunidade para vingar-se. Assim, Shylock propõe um absurdo contrato em que Antonio, caso não devolva o dinheiro em três meses, deverá pagar com uma libra de sua própria carne. Como, pouco tempo depois, Antonio recebe a notícia de que seus navios naufragaram, não podendo pagar a dívida, o caso é levado à corte para definir se o bizarro contrato deve ou não ser executado.

Os teóricos de Shakespeare comentam que esse tipo de acordo comercial, em que a dívida se paga com a própria carne, já aparecia em antiquíssimos

* Psicanalista, membro do CPRJ. Professora associada da UFRJ. Autora dos livros *Sexualidade infantil e intimidade, diálogos winnicottianos* (2015), *O amor em Winnicott* (2012), *Paixão e ternura* (2002) e *O trauma e seus destinos* (1996).

contos medievais. Vários outros elementos desta peça, como o tema da “escolha do cofre” e a defesa de Antonio, que faz Pórcia frente ao juiz disfarçada de homem, são enredos que já apareciam em histórias medievais, de autor anônimo, conhecidas como *Gesta Romanorum*. Trata-se, segundo os teóricos de sua obra, dos remotos mananciais que inspiraram Shakespeare.

Em Belmonte, o pai da Pórcia tinha deixado estabelecido que, após sua morte, o pretendente que escolhesse o cofre certo, que guardava em seu interior o retrato da filha, casaria com ela e herdaria toda sua fortuna.

Os candidatos devem escolher entre três cofres – de ouro, prata e chumbo – que contêm os seguintes dizeres: O cofre de ouro: “*eu tenho o que desejam muitos homens*”; o de prata: “*quem me escolher terá o que merece*” e o de chumbo: “*escolhe a mim quem dá e arrisca tudo*”. A escolha do cofre tem inegável reminiscência da mágica medieval, dos contos de fadas e da ideia do destino, do que está, inexoravelmente, destinado e deve ser vivido. Mas, trata-se, antes de tudo, da valorização da coragem e do risco. Assim, enaltece-se a figura do herói, que é corajoso e arrisca tudo, que não mede esforços para realizar seu destino. Numa atmosfera banhada de juventude e otimismo, mostrando uma Veneza febril, cidade de mercadores que vêm e vão para lugares remotos como México, Tripoli, as Índias, Inglaterra, Lisboa, etc., todos devem arriscar. Assim, Shylock arrisca três mil ducados para se vingar, Antonio arrisca sua vida pelo amigo e Bassanio e Pórcia arriscam-se para viver seu amor. E o cofre de chumbo, que contém o retrato da bela dama elogia quem tudo arrisca. Bassanio explica sua escolha do cofre de chumbo dizendo que “tua palidez – *paleness*, também traduzido por ‘simplicidade’ – me inspira mais do que a eloquência”, ou seja, a simplicidade o satisfaz mais do que a natureza estridente dos outros cofres (ouro e prata seriam eloquentes, sonoros). Realiza-se, desse modo, o destino. Na realidade, Pórcia e Bassanio já tinham trocado olhares e se gostavam; já estavam predestinados.

O tema da escolha do cofre é abordado por Freud no texto *O motivo da escolha do cofre* (1913/1988), em que se comparam duas peças de Shakespeare; a que deu origem ao filme, cômico-dramática e a peça *O rei Lear*, trágica. Brevemente, Freud lembra que cofre, como já é sabido, é símbolo de mulher e, invertendo os termos, considera que a escolha dos pretendentes entre três cofres corresponde, simbolicamente, ao motivo humano da escolha que um homem faz entre três mulheres. Na peça *O rei Lear* também há uma escolha entre três mulheres, já que o rei decide repartir, em vida, seu reino entre as filhas, dando seu reino para aquela que mais o ame, demonstrando mais seu amor. Cordélia, a filha mais nova e mais fiel, é a mais modesta e se cala, não elogian-

do seu pai, como as outras duas irmãs. O rei Lear deixa, então, seu reino para as outras duas irmãs, produzindo-se toda classe de infortúnios. Freud tece uma série de considerações sobre o chumbo, que pela sua palidez ou simplicidade é comparado à mudez de Cordélia. E mudez ou palidez, em termos da linguagem dos sonhos, é uma figuração usual da morte. Relaciona, também, o tema da escolha entre três mulheres com a história da Cinderella, já que o príncipe deve escolher entre as três irmãs e a Cinderella, a mais simples, não aparece e se esconde, demorando o príncipe para achá-la. Para Freud, tanto a escolha de Pórcia, a mais bela e sábia, quanto a de Cordélia, a filha mais fiel – que por não ser escolhida sobreveio a tragédia – remete, em aparente contradição, a uma representação da morte. Freud ilustra sua interpretação com figuras da mitologia grega, em que as deusas do amor e da fecundação são, numa ambivalência primordial, deusas da morte e do aniquilamento. Assim, Freud articula beleza, morte e fatalidade, trabalhando com variadas histórias míticas. E finaliza correlacionando o motivo das três mulheres com as três formas em que vai se modificando a imagem da mãe: a própria mãe; a amada, escolhida à imagem e semelhança daquela; e a Mãe Terra, que vai acolher o homem no seu seio, na hora da morte (FREUD, 1988, p. 317).

Após esta breve digressão sobre a interpretação freudiana do tema dos três cofres, retornemos aos amores do filme. Os comentadores entendem que o enredo da peça/filme aborda uma história de amor, ou de amores, já que acompanhamos as peripécias de três casais: Pórcia e Bassanio, Jéssica (filha de Shylock) e Lorenzo, Nerissa (criada de Pórcia) e Graziano. Mas, se pensarmos bem, vemos que a amizade entre Antonio e Bassanio é um elemento central em torno do qual se entrelaçam as demais histórias. Alguns críticos consideram que a devoção de Antonio por Bassanio deriva de um amor não correspondido, o que explicaria a tristeza que Antonio apresenta no início da peça. O clima emocional entre ambos os personagens é sensual e o filme – não a peça – inclui uma cena em que eles se beijam. E, no final, Antonio declara para Pórcia que Bassanio já foi amado, já que ele amou Bassanio, arriscando tudo por ele. A interpretação do envolvimento amoroso entre Antonio e Bassanio, entretanto, é polêmica. Segundo Michael Radford, a amizade entre os dois é platônica, correspondendo à perspectiva predominante da amizade masculina na época, ideia com a qual concorda Jeremy Irons, que interpreta Antonio. Mas o intérprete de Bassanio, Joseph Fiennes, que surpreendeu Irons com o beijo durante a cena, entende que existe amor e uma grande atração entre os personagens, independente da existência de relações sexuais (REUTERS, 2004). Shakespeare dedica várias peças e poemas a laços entre homens com

diferentes graus de sensualidade, apresentando em tons ambíguos a afeição entre Antonio e Bassanio. Assim, sabendo que essa ambiguidade permite várias interpretações, entendemos que um dos eixos centrais da trama é o valor da amizade – ou do amor em seu mais amplo sentido de afetividade.

Outra questão que permeia o filme é o problema do antissemitismo, já que os preconceitos contra judeus, dominantes na sociedade inglesa de época, são retratados na história. Quando Shakespeare escreve a peça, em finais do século XVI, um grande movimento antissemita se estende pela Inglaterra, culminando com a execução do judeu português Rodrigo Lopez, um médico considerado um dos homens mais eruditos de seu tempo. Entretanto, embora a peça/filme retrate o clima antissemita da época, encontramos uma magnífica defesa da igualdade de todos os seres humanos, que desmonta as bases do preconceito, nas palavras do vingativo Shylock:

Um judeu não tem olhos? Um judeu não tem mãos, órgãos, dimensões, sentidos, afeições, paixões? Não é alimentado pela mesma comida, ferido pelas mesmas armas, sujeito às mesmas doenças, curado pelos mesmos meios, esquentado e regelado pelo mesmo verão e inverno tal como um cristão? Quando nos feris, não sangramos nós? Quando nos divertis, não rimos nós? E, se nos enganais, não haveremos nós de nos vingar? Se somos como vós em todo o resto, nisto também seremos semelhantes (SHAKESPEARE, 1949, p. 1070).

Entretanto, um dos aspectos mais instigantes do filme, a nosso modo de ver, é a liberdade, inteligência e sabedoria da Pórcia, uma mulher do século XVI. No desenlace da trama, quando Antonio é preso e levado ao tribunal de Veneza, surge um jovem “doutor em direito”, recomendado por Belário, célebre advogado de Pádua. Trata-se de Pórcia e de sua criada Nerissa, ambas disfarçadas de homens – advogado e ajudante. Pórcia vai conduzir brilhantemente a defesa de Antonio, salvando sua vida e revertendo situação de Shylock de acusador para acusado, num movimento descontraído e cômico, pleno de astúcia e ironias.

Contudo, a rica herdeira, em contraste com sua deslumbrante atuação como jovem advogada, tinha sido obrigada a aceitar a vontade do pai de ter seu destino entregue a quem escolhesse o cofre certo. Pórcia, desse modo, submete-se à vontade do pai morto, o que poderia ter tornado sua vida uma tragédia, se um pretendente não desejado acertasse a escolha do cofre. Quando Bassanio escolhe o cofre de chumbo, que continha seu retrato, ela, feliz, chama-o de “*meu dono, meu senhor, meu rei*”. Como se explicaria, por um lado,

que Porcia, tão independente e culta, fosse, ao mesmo tempo, tão submissa à vontade do pai e ao marido? E, por outro lado, como entenderíamos a atuação de Pórcia, tão livre e “feminista”, numa sociedade patriarcal como era a sociedade britânica de finais do século XVI?

No período Elizabetano, contexto histórico de Shakespeare, não se conheciam expressões do feminismo ou da luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres. Reinava a sociedade patriarcal, e as mulheres deviam se submeter e obedecer aos homens, sendo o caráter de “esposa e mãe” o cerne da identidade feminina. Entretanto, a rainha Elizabeth, que não se casou, foi um exemplo de mulher intelectualmente brilhante e livre: falava seis línguas, compunha melodias e escrevia poemas, traduzia do grego e do latim, sendo também uma grande oradora. E não foi a única mulher de seu tempo instruída e intelectualmente brilhante. Já na época de Jaime I, que reinou depois da rainha Elizabeth I, o movimento dos puritanos – pertencente à igreja católica – adota um revolucionário conceito da mulher, não acreditando em hierarquias e estando a favor da igualdade entre os sexos.

Em Shakespeare, por sua genialidade, temos retratados todos os tipos de mulheres; desde as mais fortes e inteligentes, que em muito superam as condições sociais impostas em seu tempo, como é o caso de Pórcia, ou de Julieta, de *Romeu e Julieta*, até as mulheres mais submissas e frágeis.

Um dado interessante é que na época de Shakespeare era impensável que as mulheres trabalhassem no teatro. Os papéis femininos, então, eram desempenhados por homens jovens disfarçados de mulheres. Na peça *O mercador de Veneza*, há três situações em que as mulheres se disfarçam de homens: Pórcia e Nerissa, frente ao tribunal e Jéssica, que era judia, quando foge para casar com Lorenzo, cristão. Tratava-se de uma deliberada confusão entre os sexos, porque eram homens jovens que representavam mulheres, que se fantasiavam de homens. Para muitos homens da época, era inadmissível a possibilidade de uma mulher se vestir como homem – seja na vida ou em cena – e Shakespeare parece brincar com esse fato, provavelmente desafiando e contestando essa visão.

A inclinação de Shakespeare para fazer com que as pessoas se fantasiem do outro sexo talvez seja uma forma de demonstrar, em algum nível, que não há tanta diferença entre machos e fêmeas. A técnica do disfarce pode ser interpretada como uma tática para confundir identidades e subverter a visão tradicional da mulher na época, aludindo à igualdade entre os sexos.

Quando Pórcia se disfarça de jovem advogado, não só se iguala ao homem, como o supera, tanto intelectual quanto eticamente. Ela é brilhante, superando, em muito, os homens que a rodeiam. Contudo, ela não era arrogante

e quando, no começo da história, Bassanio escolhe o cofre certo, ela se apresenta dizendo que é uma garota simples, inexperta e ingênua. Pensamos que Shakespeare não poderia ser considerado um “feminista” *avant-garde*, já que os movimentos feministas só começaram nos finais do século XIX, mas foi, sem dúvida, um profundo conhecedor da alma feminina, criticando e desconstruindo preconceitos da época.

Julho/2016

Ana Lila Lejarraga

analejarraga@gmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

FREUD, Sigmund (1913). *El motivo de la elección del cofre*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988. (Obras Completas, 12).

REUTERS (2004). “Was the Merchant of Venice gay?”. In: *ABC News Online*, 28 de dezembro de 2004. Acesso em: 24 mai. 2017.

SHAKESPEARE, William (1594). *El mercader de Veneza*. In: Obras Completas. Madrid: Editora Aguilar, 1949.